



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

RENATA SOARES VIEIRA DA SILVA

**VIVÊNCIA EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
Uma experiência a partir do Estágio Supervisionado
do Curso de Pedagogia**

João Pessoa / PB

Outubro / 2018

RENATA SOARES VIEIRA DA SILVA

**VIVÊNCIA EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
Uma experiência a partir do Estágio Supervisionado
do Curso de Pedagogia**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba / UFPB.

Professor Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Rosal de Araújo

João Pessoa / PB

Outubro / 2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586v Silva, Renata Soares Vieira da.

VIVÊNCIA EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Uma experiência a partir do Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia / Renata Soares Vieira da Silva. - João Pessoa, 2018.

53 f. : il.

Orientação: Rodrigo Silva Rosal de Araújo.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Educação Emocional. 2. Educação de Jovens e Adultos.
3. Formação Humana Integral. I. Araújo, Rodrigo Silva Rosal de. II. Título.

UFPB/BC

RENATA SOARES VIEIRA DA SILVA

VIVÊNCIA EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

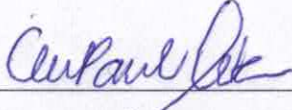
A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova, com nota 10,0 (DEZ),
o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do
grau de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal Da Paraíba.

COMISSÃO EXAMINADORA



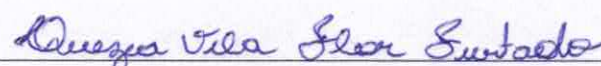
Prof. Dr. Rodrigo Silva Rosal de Araújo

Universidade Federal da Paraíba - UFPB (Orientador)



Prof. Dr. Ana Paula Fernandes da Silveira Mota

Centro Universitário Joaquim Nabuco - UNINABUCO



Prof. Dr. Quézia Vila Flor Furtado

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

João Pessoa, 29 de outubro de 2018.

“Precisamos delinear o que caracteriza uma intenção educacional. Em termos mais abstratos, podemos dizer que educar é contribuir para a humanização do homem.”

(Ferdinand Röhr)

AGRADECIMENTOS

A Deus, toda a glória e louvor pela realização deste sonho, e será sempre ele que conduzirá toda minha vida profissional.

A toda minha família, que me proporcionou condições para traçar essa caminhada. Ao meu pai que por inúmeras vezes me auxiliou nas atividades acadêmicas do seu jeito, como podia, à minha mãe, sempre preocupada com meu bem-estar a cada período, ao meu irmão que com suas orações me acompanha e celebra comigo cada vitória.

Ao meu esposo Helder, companheiro de aventuras, que a cada decisão encontra-se ao meu lado, proporcionando-me alegrias e certeza de dias melhores. Todo meu amor por sempre me motivar a buscar o melhor de mim a cada trabalho acadêmico, a cada percurso de minha vida profissional.

Às minhas primas que estiveram comigo, sofrendo a cada desafio e comemoraram a cada nova conquista, em especial a Leila Viegas, que mesmo estando em momento de produção acadêmica, não deixou de me estender a mão com dicas e reflexões na construção deste trabalho. Você é um exemplo para mim.

Aos meus amigos de curso, onde aqui os represento com três nomes, Odir, Rodrigo e Dayana, sempre presentes nas atividades em grupo, nas partilhas e desabafos. Me senti extremamente acolhida a cada novo desafio, sem vocês nada disso teria tanta cor, tanto amor.

A todos os professores que ministraram aula no curso, mas em especial, às professoras Carmem Servila, Jeane Felix, Marilene Salgueiro e Quézia Furtado, que representam para mim exemplos de dedicação e profissionalismo, mostrando que a prática docente pode ser reinventada a cada dia e a Rodrigo Rosal, meu orientador, que me trouxe ferramentas para encontrar o meu caminho na pedagogia.

Ao Século Colégio e Curso, primeira porta que me foi aberta para o universo da educação. Doralice, Daniele Honório e Guacira Meneses: tudo que vivenciei na companhia de vocês merece muito mais que essa dedicatória; às professoras Cris Grécia, Nara, Edjane França, Kaliane Rosângela e Luciana, muito do que sou hoje eu aprendi com vocês, por observá-las e compreender o sentido de lecionar com a

amor; à minha eterna coordenadora Elisângela, à Odon, Raquel, Simone, Sueli, Geane e aos demais profissionais, que me ouviram durante momentos importantes, vivenciar com vocês essa nova trajetória de vida profissional fez toda diferença.

Às professoras Rose, Adriane e Ana Maria, minhas supervisoras de estágio a cada etapa do curso, que me guiaram com paciência rumo à construção não apenas da aprendizagem, mas do laço de amizade e carinho, onde incluo também todos os alunos, que graças a vocês, foram meus por alguns dias, vocês também são parte desta conquista.

Aos amigos de caminhada acadêmica, que comigo compartilharam aprendizagens em congressos e palestras nestes últimos anos, Flávio, Wagner, Lucas, Heloísa e Naldo, cada palavra de incentivo e conforto foram válidas para o cumprimento desta etapa tão importante em minha vida.

Deus abençoe a todos estes e aos demais que estiveram comigo trilhando esta estrada, estudando, ensinando e intercedendo por suas necessidades. Vocês estarão para sempre em meu coração.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo identificar a relevância do trabalho com a educação emocional em uma turma de jovens e adultos na construção da formação humana integral. Inicialmente aponta-se características e reflexões do universo das emoções com a colaboração de autores como Humberto Maturana e Elisa Gonsalves. Como forma de ampliar os conhecimentos acerca da temática que envolve Educação de Jovens e Adultos, utilizou-se os estudos de Vanilda Paiva, Sérgio Haddad, Paulo Freire e de outros autores que apresentam históricos, avanços e desafios encontrados nesta modalidade, e como as marcas de resistência e exclusão interferem no estado emocional dos sujeitos presentes no ambiente escolar. Dando continuidade ao objetivo geral da pesquisa, apresenta-se a necessidade de uma formação humana integral, considerada como o processo de busca de equilíbrio entre as dimensões apresentadas por Ferdinand Röhr como indispensáveis ao processo de humanização: física, sensorial, emocional, mental e espiritual. Além deste autor, Policarpo Júnior e Mariana Arantes foram referências para a construção desta abordagem. Por fim, utilizou-se como objeto de estudo uma turma de educação de jovens e adultos, onde realizou-se uma intervenção mediante observações da rotina de sala de aula e mediante a organização de uma sequência de atividades que tinham por finalidade responder à seguinte questão: De que maneira a educação emocional, inserida nas aulas da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, auxilia na formação humana integral? Conclui-se que o tempo de pesquisa não foi suficiente para expor todos os resultados considerados expressivos e que atividades de cunho emocional trazem maior possibilidade de relações humanas, e o uso de recursos ligados à realidade dos educandos garante significado às aprendizagens, que além de trabalhar a dimensão cognitiva proporciona o bem-estar pessoal.

Palavras-chave: Educação Emocional, Educação de Jovens e Adultos, Formação humana integral.

ABSTRACT

This research aims to identify the relevance of emotional education work in a youth and adults class in the construction of integral human formation. Firstly, it is pointed out characteristics and reflections on the emotional universe, alongside with the collaboration of authors such as Humberto Maturana and Elisa Gonsalves. As a way of increasing theme's knowledge involving youth and adults education, it was used the studies of Vanilda Paiva, Sérgio Haddad, Paulo Freire, among others authors who present historical background, achievements and challenges in this modality. They also show how resistance and rejection marks interfere in the emotional state of the ones in the school environment. Continuing with the aim of this research, it is presented the need of a integral human formation, which is considered as a process in the search for balance between dimensions presented by Ferdinand Röhr as indispensable to the humanization process: physical, sensorial, emotional, mental and spiritual. Beside Röhr, Policarpo Júnior and Mariana Arantes were also references to this approach construction. In the end, it was used as object of study a youth and adult education class, where an intervention took place throughout the observation of classroom routine and the organization of activities sequence which had the main goal of answering the following question: How does emotional education, inserted in Youth and Adults Education classes modality, help in integral human formation? It is concluded that research time was not enough to expose all the expressive results and that emotional activities bring out a major possibility of human relationships. In addition, the use of resources connected to students' reality guarantees meaning to learning process, which besides working the cognitive dimension provides personal well-being.

Keywords: Emotional Education, Youth and Adults Education, Integral Human Formation

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 EDUCAÇÃO E INTEGRALIDADE.....	16
2.1 Educação e Emoções.....	19
2.2 Educação de Jovens e Adultos.....	25
2.3 Formação Humana Integral.....	31
3 METODOLOGIA.....	37
4 VIVÊNCIA EMOCIONAL: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA.....	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Competências Gerais da BNCC.....	24
Figura 2: Cronograma de atividades.....	38
Figura 3: Primeiro dia.....	40
Figura 4: Atividade referente ao quarto dia.....	42
Figura 5: Atividade prática realizada em sala.....	43

1 INTRODUÇÃO

O termo Educação Emocional comumente adquire uma conotação difusa em meio aos debates existentes na sociedade. Não é difícil encontrar relatos de que essa preocupação com a dimensão emocional é destinada à profissionais de áreas distintas da educação. Porém, atuais estudos da temática, definem que para uma construção integral no ambiente escolar, se faz necessário proporcionar atividades que preparem o aluno para além de um saber cognitivo.

O presente estudo é fruto de uma experiência realizada com crianças na faixa etária de 8 e 9 anos, tendo por base um currículo destinado ao trabalho de habilidades socioemocionais. O PATHS – Pensamento, afetividade e trabalho com habilidades sociais, idealizado pelos psicólogos norte-americanos Mark Greenberg e Carol Kusché, foi traduzido pelo Instituto de Formação Humana – IFH em 2012, e corresponde a um kit de livros com atividades com foco no trabalho de autocontrole de emoções e a autoestima inseridos na rotina escolar. Diante da experiência vivenciada, foi possível refletir a possibilidade de se estender o trabalho emocional na colaboração de uma aprendizagem significativa na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

A Educação de Jovens e Adultos – EJA é considerada uma modalidade de ensino que de acordo com a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional conforme o artigo 37, é destinada a sujeitos que foram impossibilitados de continuar sua trajetória escolar correspondente ao ensino fundamental e médio, com idade própria. Assim, a modalidade de Educação de Jovens e Adultos garante este direito aos alunos, adequando-se à sua condição e realidade.

Essa condição de ausência escolar em alguns dos jovens e adultos apresenta condições de carência, e a nova busca pela educação é muitas vezes compreendida em forma de apelo, e não conforme a orientação das leis vigentes, que tratam a educação como direito. Essas meditações possibilitaram que a proposta apresentada por este trabalho pudesse proporcionar uma reflexão acerca do fato de que a educação não é oferecida como uma forma de favor ao estudante desta modalidade, e por esse motivo, deve proporcionar um conhecimento geral e integral,

destinado a preparar o aluno para uma vida em sociedade, adquirindo todas as habilidades necessárias para tal.

É sabido que cada sujeito da EJA traz determinadas motivações para o retorno ao ambiente escolar, e é partindo destas necessidades que o profissional da educação deve conduzir sua prática, envolvendo o trabalho com as vivências dos alunos, e tornando o aprendizado significativo. Porém não é somente a segunda oportunidade de adquirir habilidades cognitivas que motivam os alunos da EJA. O ambiente de socialização auxilia no bom desempenho do trabalho, fazendo com que os alunos que em sua maioria trabalham durante todo o dia, tenham um ambiente que favoreça a aprendizagem.

A partir destas reflexões, têm-se por objetivo neste trabalho analisar a contribuição do trabalho da dimensão emocional através de atividades de sala e sua contribuição didática para que o direito à educação seja garantido de maneira integral aos Jovens e Adultos.

Após o embasamento teórico que conceituam e ajudam a refletir as temáticas citadas, ao final deste trabalho apresenta-se uma pesquisa realizada em uma Escola Municipal localizada na cidade de João Pessoa-PB, onde realizou-se intervenções práticas com atividades voltadas à proposta de Educação Emocional, com o intuito de proporcionar uma parceria didática para o trabalho de todas as dimensões humanas, bem como, a construção de uma aprendizagem integral e significativa.

Os resultados da pesquisa se apresentaram de forma contextualizada e justificados pelas conclusões extraídas dos estudos que embasam a mesma, como por exemplo, os conceitos e práticas de educação emocional de acordo com Gonsalves (2015) e outros autores que reconhecem nesta temática, um caminho para o bem-estar. Também é possível citar a compreensão da multidimensionalidade humana, apontada por Röhr (2013), e da normatividade da Formação humana e integralidade, apresentadas através do estudo de Policarpo Júnior (2017).

O interesse pela temática citada, deu-se após a participação no Programa de Licenciaturas – PROLICEN, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, onde o foco da pesquisa foi o estudo de um currículo norte-americano PATHS, que tem por objetivo exercer um trabalho de educação emocional, tratando de sentimentos e

relacionamentos com crianças na faixa etária de 5 à 11 anos. O início da pesquisa se manteve no caráter teórico, com leituras e debates sobre autores com teorias semelhantes ao objetivo do projeto. No terceiro ano de pesquisa, surgiu a oportunidade de aplicar o currículo em uma instituição privada da cidade de João Pessoa. Nesta situação, foi possível identificar o envolvimento das crianças no conhecimento e compreensão dos sentimentos, bem como melhor relacionamento entre eles, e com os professores, e como estes requisitos auxiliam na escolha de suas atitudes.

Finda a pesquisa, novos projetos e novas leituras puderam estimular uma amplitude no trabalho com a educação emocional. Diante de estudos voltados à educação e espiritualidade, temática abordada por Röhr (2013), compreende-se que os seres humanos são constituídos por dimensões básicas indispensáveis à sua formação, sendo estas: material, sensorial, emocional, mental e espiritual. Estas dimensões, classificadas entre densas e sutis, exigem uma busca constante por equilíbrio, pois o bloqueio de uma delas, pode acarretar em consequências em outras. Com essa compreensão, surgiu o desejo de identificar como se desenvolve o trabalho da dimensão emocional na educação de jovens e adultos, mais precisamente nos ciclos referentes à primeira etapa do ensino fundamental, o qual recebe, em boa parte, retornantes ao ambiente escolar, pessoas que por algum motivo se distanciaram deste.

A educação de jovens e adultos passou a ser vista durante algumas décadas apenas por suas características negativas, como a evasão, trajetórias escolares sem sucesso e reprovação, de acordo com Arroyo (2011). O olhar direcionado à modalidade, dificulta o avanço do pensamento de reconfiguração, levando em conta a importância de apresentar a EJA não apenas como segunda oportunidade escolar, mas também como ambiente de construção integral de direitos humanos. Daí a importância de um comprometimento por parte de educadores de jovens e adultos, trazendo para a sala de aula metodologias que se aproximam da realidade dos alunos e que possibilitem uma aprendizagem significativa.

Existe uma certa pluralidade de sujeitos no ambiente educacional da EJA, dentre elas, diversas histórias de vida que justificam sua ausência do setor educacional durante o período de vida destinado a ele. Em tal situação, faz-se necessário que o profissional da educação responsável pela turma de EJA

estabeleça uma metodologia específica, que partindo das vivências de cada sujeito, atenda a todas as dimensões humanas. Os alunos nos primeiros ciclos da educação de jovens e adultos buscam além do processo de aquisição de leitura e escrita, um ambiente de socialização, onde o relacionamento entre os alunos e professores favoreça um espaço de diálogo e construção de um conhecimento integral.

Vivenciar a educação emocional em sala de aula propicia aos alunos o exercício de autorreflexão, além de possibilitar o bem-estar necessário para um bom desempenho na construção cognitiva, formando assim uma parceria didática no processo educativo. Conforme Gonsalves (2015), em sua cartilha introdutória relacionada à educação emocional, o ambiente escolar, atendendo aos pilares da educação, é também um espaço propício para que os alunos aprendam a conviver. Com esse intuito, trabalhar as emoções, envolve a capacidade de reconhecer e respeitar as diferenças encontradas em si e nos outros, possibilitando uma construção integral e coletiva.

Baseando-se em tais compreensões, pretende-se com essa pesquisa, responder ao seguinte questionamento:

De que maneira a educação emocional, inserida nas aulas da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, auxilia na formação humana integral?

O presente trabalho tem como objetivo geral, identificar a relevância do trabalho com a educação emocional em uma turma de jovens e adultos na construção da formação humana integral.

Como objetivos específicos, visando o cumprimento o objetivo geral, têm-se: Dialogar sobre sentimentos e emoções em sala de aula; Trabalhar a autoestima, autocontrole e empatia; Estabelecer relação entre as vivências dos alunos e as atividades propostas gerando um trabalho multidimensional; Propor um ambiente diferenciado e a utilização de recursos didáticos diversos, que proporcionem bem-estar aos alunos.

2 EDUCAÇÃO E INTEGRALIDADE

Sobre educação e emoção, Cassassus (2009) afirma que um ambiente emocional adequado, gerado pelo bom relacionamento entre professor e aluno, revela o papel das emoções como característica fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem e da vida das pessoas.

No tocante à educação emocional integrada ao processo de formação humana, Maturana (2005), possibilita uma compreensão diante do surgimento da comunicação e expõe como a emoção do amor é necessária na construção das interações humanas, fazendo-se tão importante quanto sua racionalidade.

Gonsalves Possebon (2017), apresenta em seus estudos a importância da oficialização dessa temática no ambiente escolar, reconhecendo que esta existe de forma oculta.

Mediante uma cartilha introdutória, Gonsalves (2015), objetiva proporcionar ambientes discursivos sobre a temática em comento.

A Educação Emocional é um processo de ação consciente. Isso significa que implica o conhecimento e o autoconhecimento de questões pertinentes ao universo emocional, além da aquisição de conhecimentos e habilidades que poderão proporcionar a consciência e a modulação das ações, de forma a aprender sentir e a agir no sentido de proporcionar bem-estar (GONSALVES 2015, pag. 8).

Ao aliar a cognição e a emoção, o processo educativo ocorre de maneira integral, desenvolvendo habilidades que colaboram com o bem-estar social e pessoal. A proposta de trabalhar a educação emocional na educação básica, vem com a ideia de interdisciplinaridade, como núcleo articulador no currículo, pois a forma isolada deste trabalho pode banalizar a questão emocional, por não haver uma sistematização destas ideias integradoras.

Gonsalves (2015), aborda a emoção diferenciando-a dos conceitos de sentimento, afeto e humor, ressaltando a multidimensionalidade existente no ser humano, quando a apresenta como um grande sistema que está ligado a muitos outros, além de apresentar didaticamente os componentes da emoção, sendo eles o neurofisiológico, comportamental e cognitivo. A autora também defende a importância de uma alfabetização emocional, termo o qual pode ser conceituado

como o processo de identificar emoções em si mesmo e nos outros, além de adequar as atitudes estabelecidas a partir delas.

Röhr (2013), aborda temas referentes às dimensões humanas, imanentes e transcendentais, e como estas encontram-se interligadas, mostrando a necessidade de se buscar um equilíbrio dimensional.

O mais comum é constatar que desarmonias e bloqueios nas dimensões mais densas impedem as atividades e manifestação das esferas mais sutis. Uma alimentação deficitária, por exemplo, pode prejudicar capacidades de aprendizagem intelectual. O estado emocional de ira pode impedir a conexão com valores éticos relacionados à dimensão espiritual. Constatamos, portanto, a hierarquia da interdependência das dimensões entre si (RÖHR 2013, pag. 28).

Diante dessa interdependência, a formação humana pode ser construída no exercício integral das dimensões, visando desenvolver em sala de aula um trabalho em conjunto, onde o educando, o educador e a atividade escolar estejam como principais personagens.

Paiva (1987), aborda temáticas voltadas para a compreensão do processo vivenciado pela EJA, tratando-se de avanços e retrocessos, onde inicialmente, ele afirma que compreende-se os objetivos dos Jesuítas na educação de crianças, quem vão atingindo também os pais, levando a alfabetização como um instrumento de cristianização, porém apenas a partir da década de 30, essa modalidade educativa encontra uma significação. Durante muito tempo, ensino supletivo, ou Educação de adolescentes e Adultos, foram termos usados para identificar o que hoje conhece-se como educação de jovens e adultos, e dentre seus objetivos principais estavam o ideal político diante de campanhas educacionais voltadas a melhorar a situação do Brasil no que diz respeito a estatística do analfabetismo. Seguindo a linha do tempo, Paiva (1987), relata as ações idealizadas por Paulo Freire, na mudança de paradigma no processo educativo.

A acomodação e a massificação eram substituídas pela liberdade e pela crítica na luta do homem pela sua humanização. Nessa passagem, a educação haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder na explicação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção (PAIVA 1987, pag. 252).

Essa ressignificação acontece no intuito de apresentar o diálogo como instrumento de reflexão coletiva e de extensão cultural. Para Freire (1996), a forma dialógica é o caminho de diminuição da massificação gerando ao ser humano a capacidade de desenvolver uma postura crítica, tornando-se um ser ativo na sociedade.

Tratando-se dos saberes necessários à prática docente, Freire (1996) enfatiza o comprometimento exigido do professor para com sua profissão, no que diz respeito à responsabilidade de estabelecer e manter a confiança dos alunos no processo de construção integral.

Se perguntado por um aluno sobre o que é “tomar distância epistemológica do objeto” lhe respondo que não sei, mas que posso vir a saber, isso não me dá a autoridade de quem conhece, me dá a alegria de, assumindo minha ignorância, não ter mentido. E não ter mentido abre para mim junto aos alunos um crédito que devo preservar (FREIRE 1996, pag. 37).

Freire (1989) também reforça a parceria estabelecida entre professor e alunos como sendo de grande importância para o caráter de identificar que a leitura de mundo e de palavras estão interligados, mostrando a necessidade do professor alfabetizador conhecer a realidade dos educandos, e buscar unir esta realidade ao método de aprendizagem.

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra (FREIRE 1989, pag. 19).

Com essa visão, Freire (1989) reforça o compromisso do educador com seus educandos, no intuito de oferecer-lhes um novo modelo de educação, que parte da consciência ingênua, assim nomeada por ele, a um processo gerador de criticidade no processo de alfabetização.

2.1 Educação e Emoções

O presente capítulo tem por objetivo central, conceituar emoção a partir de estudos de autores que desenvolvem reflexões diante da temática, bem como a caracterização e aprofundamento da dimensão emocional no ambiente educacional. Pretende-se também explicar a relação existente entre emoções e prática educativa, citando como esta relação pode apresentar-se significativa no processo de educação que busca uma integralidade do ser humano.

Maturana (2005) conceitua a emoção como agente motivador de determinadas ações exercidas pelos seres humanos e aponta ainda a ideia equivocada de que a racionalidade é oposta à emocionalidade, e aponta uma correlação entre ambas.

Dizer que a razão caracteriza o humano é um antolho, porque nos deixa cegos frente a emoção, que fica desvalorizada como algo animal ou como algo que nega o racional. Quer dizer, ao nos declararmos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional (MATURANA 2005, pag. 15).

O autor explana a dimensão emocional como motivadora das ações, e apresenta o amor como principal emoção, responsável pelas interações existentes na sociedade desde as primeiras espécies. Ao tratar da educação, pode-se extrair das ideias apresentadas por Maturana (2005), a visão de que o educando, ao reconhecer-se em todas as suas particularidades, pode facilmente compreender o outro e a partir das relações estabelecidas gerar o aprendizado.

Diante da abordagem do autor, é possível reconhecer a emoção como primeiro passo de um processo de interação, seja ela destinada ou não a educação. Para um processo de educação emocional, deve ser inicialmente levado em conta que o bom relacionamento entre os seres humanos possibilita um ambiente propício à ação pedagógica.

Para ir mais além na temática dualista entre razão e emoção apresentada por Maturana (2005), vale reconhecer que este, enquanto biólogo, estima demonstrar que a racionalidade humana não deve ser considerada um impedimento para

reconhecer as demais dimensões existentes, mas que ele também não a nega como parte importante no seu processo de hominização, fato que justifica o termo usado pelo autor, a existência de um “entrelaçamento” entre as duas visões apresentadas.

Esta dualidade entre razão e emoção é apontada também por Rego e Rocha (2009), que abordam que o estudo da educação emocional auxilia na busca pelo equilíbrio dimensional humano. Na pesquisa realizada pelas autoras citadas, constatou-se que a aprendizagem integral é possível apenas mediante a “parceria” entre os aspectos cognitivo e emocional, o que desmistifica o antagonismo entre razão e emoção e intensifica a ideia de equilíbrio entre estas dimensões.

Outro resultado apresentado na pesquisa em comento, refere-se ao trabalho das competências emocionais como autoconhecimento e autogestão, que colaboram para uma visão crítica de si e a aplicação de atitudes conscientes e seguras. Além disso, ao propor um diálogo sobre questões emocionais em sala, foi ferramenta importante para o desenvolvimento da empatia, que era exposto no interesse de auxiliar uns aos outros na solução dos problemas citados.

Gonsalves (2015) chama atenção ao mencionar a história da escola contada na perspectiva do coração, ou seja, as memórias afetivas vivenciadas no período escolar, que facilitaram ou não a forma de aprendizagem do aluno; baseando-se nestes aspectos, considera a emoção uma aliada no processo de aprendizagem, capaz de possibilitar novas práticas educativas, a exemplo da teoria, por ela denominada, Vivência Emocional Libertadora – VEL, a fim de desenvolver tais práticas educativas ligadas à dimensão emocional, sendo considerada pela autora com uma ferramenta educativa que auxilia no saber agir diante de situações positivas e/ou negativas, colaborando para o bem-estar dos indivíduos

Porém antes de apresentar sua proposta, Gonsalves (2015) contextualiza o sentido na emoção na vida em sociedade, quando traz o dualismo de razão X emoção, considerando a última algo ligado a possibilidade de errar, diferente da primeira que expressa o correto, a certeza. Esta reflexão se equipara com a reflexão feita por Maturana (2005), mencionada anteriormente. Em acordo, os autores acreditam que trata-se de um equívoco considerar a racionalidade humana como fator principal de sua existência, tendo em vista que as emoções possibilitam as ações destes, sendo necessária então a compreensão de uma correlação entre elas, para que seja possível a visão de um ser humano integral.

Ainda sobre contribuição extraída do livro em comento, destaca-se a conceitualização de emoções como uma “ação corporal” citando a etimologia da palavra (*movere/ex-movere*) “*mover para fora*”. Ao refletir essa ação, entende-se que a autora concorda com Maturana (2005,) que por sua vez reconhece a emoção como “movimento”. Além disso, Gonsalves (2015) e Maturana (2005) concordam também acerca do amor como “emoção fundante”, capaz de possibilitar as relações humanas.

Liberta-se do que oprime envolve, no mínimo, três tipos de enfrentamento: a luta contra a opressão de ordem material como o não acesso a direitos básicos (habitação e alimentação); a luta contra opressões físicas (estupro e todo tipo de violência física), além da luta contra opressões emocionais (assédio moral, dentre outros). A liberdade inclui a plena consciência de si, de seus direitos e das possibilidades de sua existência (Gonsalves 2015, pag. 50)

Sendo assim, a prática educativa necessita do amor para uma construção coletiva e significativa, onde alunos e professores possam partir de um bom relacionamento para as demais atividades na dinâmica educativa. Se o ambiente escolar garante harmonia diária, é possível que a construção cognitiva entre em equilíbrio com a dimensão emocional.

Gonsalves (2015) afirma que a busca do equilíbrio emocional garante sintonia entre os pensamentos e atitudes, possibilitando uma situação estável e agradável na vida humana, essa busca é definida pela VEL, consistindo no processo de compreensão e significação das emoções que vem como um exercício de reflexão e mudança diante das atitudes do aluno. Cabe constatar que esta atividade tem por objetivo conhecer inicialmente a si, suas emoções e saber agir de modo que as demais dimensões humanas estejam em equilíbrio e garanta sucesso nas atividades do educando.

Voltada para o trabalho no campo da emocionalidade, a VEL ajuda a pessoa a ser mais segura e preparada para os desafios pessoais, familiares, escolares e profissionais, pois esta metodologia está aplicada para o alcance de objetivos e para o aperfeiçoamento de questões relacionadas a vivência da pessoa (GONSALVES 2015, pag. 79).

A prática apresentada pela autora não se trata de uma obrigatoriedade no processo educativo, mas conforme a mesma descreve, é capaz de proporcionar um amadurecimento emocional garantindo aceitação e compreensão dos momentos

vivenciados. A autora aponta que a VEL não se trata de um exercício realizado para esquecer suas emoções, pelo contrário, auxilia a vivenciá-las com significado.

Diante da metodologia apresentada por Gonsalves (2015), destaca-se a capacidade de “escutar” por parte do mediador. O ser humano apresenta a necessidade de ser ouvido, compreendido e o exercício de falar de si mesmo já garante a vitória de determinados bloqueios emocionais existentes em si. É válido assegurar que mesmo não representando um mediador da VEL, os profissionais da educação possam gerar no ambiente de aprendizado a capacidade de escutar os alunos, identificando possíveis conflitos pessoais ou coletivos e assim adaptar sua prática educativa a fim de integrar a temática com a construção cognitiva, formando assim uma dinâmica diferenciada no processo cognitivo.

Ainda empenhada em contribuir com a perspectiva da educação emocional e sua integração com a atividade escolar, Gonsalves (2017) retoma as noções de emoção citada em estudos anteriores, tratando como movimento vindo do interior, ocorrido após algo que afete nossa alma, também aprofunda a diferença entre os conceitos de emoção, sentimento, afeto e humor, pois é válido apontar que cada conceito possui suas especificidades. A autora define que as emoções podem ser classificadas em três tipos, os quais são por ela denominados: 1) emoções básicas, as quais apresenta como presentes em todos os seres humanos, devido a relação com fatores biológicos; 2) emoções secundárias, que a autora acredita surgirem mediante ao desenvolvimento da fase de infância por meio das interações sociais; e 3) emoções autoconscientes, que correspondem a um processo mais individual, levando em conta os valores éticos desenvolvidos ao longo da vida.

Nesse sentido, é possível afirmar que essa busca por uma educação emocional se torna mais prática quando o ser humano conhece suas próprias emoções, estabelecendo a total parceria com suas demais dimensões. Pode-se então refletir acerca da necessidade de uma alfabetização emocional, a qual caracteriza-se uma busca constante pelo processo de conhecer as suas emoções e a possibilidade de auto regular-se diante delas, ou seja, seu equilíbrio com o ambiente a seu entorno.

Os estudos que se relacionam com o conhecer da dimensão emocional, existente nos seres humanos garante uma visão crítica do mundo em seu entorno e possibilita reflexão para as interações e relacionamentos sociais e afetivos. No

âmbito educacional, considera-se uma ferramenta de auxílio para alunos e professores que pretendem desenvolver com segurança uma aprendizagem significativa e que prepara não apenas um sujeito para o mercado de trabalho, mas que traga possibilidades de formar um cidadão conhecedor de direitos e deveres, pronto para colaborar na construção de uma sociedade sem preconceito, sem barreiras e repleta de consciência.

No campo educacional, a dimensão emocional pode caracterizar um espaço de construção integral quando se trata de habilidades específicas como as definidas pelos pilares da educação. Para “aprender a conviver,” cabe ao aluno reconhecer-se ser humano assim como seu semelhante, cabe também a ele identificar suas características e limitações para que a partir disto, possa enxergar também, no outro, tais condições.

A recém-aprovada, Base Nacional Comum Curricular – BNCC, homologada em 20 de dezembro de 2017, aponta a aplicabilidade de mecanismos voltados a educação emocional, confirmando a necessidade de refletir sobre as emoções relacionamentos em sala de aula para garantir uma construção integral.

Já na apresentação de suas competências gerais, a BNCC aponta habilidades como autoconhecimento e empatia com a finalidade de reconhecer a dimensão emocional, saber agir diante das situações oriundas de interações e conflitos, posicionando-se criticamente na condição de sujeito que sabe o seu lugar no mundo e reconhece o outro como seu semelhante além de promover diálogos que levem a compreensão e respeito a si e ao seu semelhante. A Figura 1 apresenta as 10 competências gerais da BNCC.

1. Conhecimento	Valorizar e utilizar os conhecimentos sobre o mundo físico, social, cultural e digital.	Para: Entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar com a sociedade.
2. Pensamento científico, crítico e criativo	Exercitar a curiosidade intelectual e utilizar as ciências criticidade e criatividade	Para: Investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções.
3. Repertório cultural	Valorizar as diversas manifestações artísticas e culturais	Fruir e participar de práticas diversificadas na produção artístico-cultural.
4. Comunicação	Utilizar diferentes Linguagens	Expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias, sentimentos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo
5. Cultura digital	Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética	Comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria.
6. Trabalho e Projeto de Vida	Valorizar e apropriar-se de conhecimentos e experiências	Entender o mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas à cidadania e a seu projeto de vida com liberdade, autonomia, criticidade e responsabilidade.
7. Argumentação	Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis	Formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns, com base em direitos humanos, consciência socioambiental consumo responsável e ética.
8. Autoconhecimento e autocuidado	Conhecer-se, compreender-se na diversidade humana e apreciar-se	Cuidar da saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e a dos outros, com autocrítica e capacidade de lidar com elas
9. Empatia e cooperação	Exercitar a empatia, o diálogo a resolução de conflitos e a cooperação.	Fazer-se respeitar e promover respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Responsabilidade e Cidadania	Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação.	Tomar decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos sustentáveis e solidários.

Figura 1: Competências Gerais da BNCC
Fonte: Ministério da Educação e Cultura, 2017

Diante destas habilidades, observa-se que a educação emocional ganha espaço no ambiente escolar para garantir a construção coletiva que colabora para uma integralidade no processo formativo, cabe ao educador desenvolver as demandas da BNCC de modo que os educandos se preparem para a partir destas habilidades, se voltarem para a formação de uma sociedade humanamente comprometida.

A participação de atores educacionais na definição de processos e ferramentas para melhorar os processos existentes e avaliar sua qualidade assume especial relevância (CASASSUS, 1999).

2.2 Educação de Jovens e Adultos

Para situar a leitura do presente capítulo, cabe esclarecer que não corresponde ao objetivo deste trabalho mergulhar profundamente na modalidade educacional mencionada, mas sim de pontuar suas características e especificidades presentes no âmbito educativo. Para tal, as seguintes linhas trarão um retrato da história vivenciada pela Educação de Jovens e Adultos no Brasil, e como estudos e leis proporcionaram sua atual configuração, tratando também técnicas que contribuem para uma aprendizagem significativa, que colaboram na ideia de uma formação humana integral.

No histórico da educação brasileira diante dos estudos de Paiva (1987), o ensino de adultos tem seus primeiros registros nas atividades desenvolvidas pelos Jesuítas. Esses religiosos destinavam seu trabalho à ação de catequizar os primeiros habitantes destas terras, trazendo a fé católica como principal fonte de ensino. Após serem expulsos do país, novos indícios educacionais só foram registrados com vinda da família real para o Brasil, sendo assim uma educação voltada para elite.

No Período imperial, a Educação de Adultos aparece de maneira precária, pois de acordo com Paiva (1987), a descentralização do ensino elementar estabelecida pelas leis vigentes da época, não condicionava a qualidade do ensino, além de impossibilitar sua expansão em demais territórios do país. Apenas ao final do século XIX, a preocupação com a educação de classes populares ganha ênfase,

períodos de duração, mas que de alguma forma contribuíram para uma maior atenção a esta necessidade educativa.

A partir da década de 60, a educação das classes populares ganha uma ênfase na perspectiva de prática política, gerada através da reflexão da sociedade atual, tal posicionamento passa a ser perseguido após o golpe militar de 1964. Para retomar proposta de alfabetização das massas, apenas em dezembro de 67 foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, o qual inicia o trabalho visando atender à necessidade educativa, porém ancorado nos interesses do governo. Além do MOBRAL, a LDB de 1971 regulamenta o Ensino Supletivo, que na visão de políticos da época, tratariam dentre outras coisas, de suprir a escolarização regular.

Das propostas implantadas por Freire (1996), cabe referenciar nesta pesquisa o aspecto relacional entre professores e alunos; inicialmente, o comprometimento do educador com o percurso educativo, sendo este, mediador de uma aprendizagem.

Freire (1996) aponta comportamentos que auxiliam no processo de interação e registra a importância do respeito na relação pedagógica, respeito este destinado tanto aos educandos quanto à prática docente, quando compreendido que a aprendizagem se dá na relação com a realidade, um elo que garanta significado, e que entende que os saberes apresentados inicialmente pelos alunos são válidos, pois a partir deste senso comum, pode-se gerar a criticidade e transformar a curiosidade em conhecimento.

Segundo o autor, a busca dessa criticidade parte da ideia de refletir sobre sua prática, sendo então o educador responsável por alinhar seu perfil profissional com sua postura social, a fim de ser reconhecido por seus alunos não apenas pelo que ensina, mas também por sua representatividade em meio a sociedade, ancorado na importância da dimensão emocional e destaca em seus escritos que as relações humanas são também agentes motivadores para a reflexão crítica.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em relação uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se objeto (FREIRE 1996, pag. 23).

Ao partir desta reflexão, o relacionamento existente entre educador e educandos trata-se de uma ferramenta importante no reconhecimento e no respeito exigido para a prática educativa. O conhecimento também se constrói nas relações, o ato de educar não corresponde à transferência de conteúdos e sim na reflexão coletiva de seu significado, sendo o professor mediador desta construção.

Cada ser humano presente no ambiente escolar traz consigo sua realidade de vida e para Freire (1996), as propostas de atividades significativas partem da relação destas com cada aprendizagem trazida da realidade dos alunos. Desse modo, cabe ao educador compreender que ensinar é uma prática realizada em etapas, sendo iniciada com o saber ouvir e conhecer cada aluno e suas necessidades.

Ainda nesta compreensão, as palavras de Paulo Freire diante da visão de mundo dos educandos deixam claro que antes mesmo de ser capaz de reconhecer e fazer uso do código alfabético, cada aluno, seja este, criança, jovem ou adulto, é capaz de fazer uma “leitura de mundo” e cada trecho dessa aprendizagem corresponde à saberes iniciais os quais merecem ser respeitados ao longo da vida escolar.

Em linhas gerais, compreende-se que Freire (1996) referia-se à memória e ao defender a hipótese que a leitura de mundo representa o primeiro passo para a leitura de palavras, o processo de alfabetização de crianças, adolescentes e adultos contava com palavras específicas, oriundas do meio social no qual cada um se inseria. O resgate de memórias afetivas indicariam maior interesse na aprendizagem, pelo fato de existir ligação com a realidade.

Na legislação vigente, a Educação de Jovens e Adultos é reconhecida como modalidade educacional que garante educação a todos que não tiveram acesso ou não concluíram o ensino fundamental em idade regular (LDB, Art 37). A LDB também alude oportunidades específicas para a permanências desses jovens e adultos na modalidade mencionada; esta característica faz referência às propostas freirianas que dizem respeito ao método educativo, que exige atenção ao aluno e relação das atividades propostas com a realidade por ele vivenciada.

A demasiada atenção destinada a esta modalidade pelos diversos setores da sociedade levam a pensar em uma proposta de reconfiguração da EJA.

Arroyo (2011) aponta como pressupostos, a necessidade de protagonismo da juventude, bem como o tempo de reafirmação de direitos humanos existentes nesta época da vida e a sua continuidade, a vida adulta.

Para reconhecer estes sujeitos jovens e adultos que se inserem na modalidade citada, é preciso uma visão de que além de trajetórias escolares incompletas, existe uma marginalização social que vai além da realidade escolar, ou que está a ela relacionada. Desemprego, e vulnerabilidade são exemplos desta falta de visão de futuro existente em meio a estes sujeitos. É preciso reconhecer que a busca de humanização é feita de forma equilibrada entre a educação e os demais direitos sociais.

Ao enxergar esses jovens e adultos como sujeitos de direito, as especificidades tratadas pela EJA tem a finalidade de preparar homens e mulheres para a vida em sociedade, ciente de seus direitos e deveres, e responsáveis pelos seus ideais futuros. Dessa maneira a reconfiguração da modalidade tem por ponto de partida seres humanos que sabem seu lugar na sociedade e o que pretendem alcançar, seres humanos que habitam uma realidade de coletividade.

Esses jovens e adultos repetem histórias longas de negação de direito. Histórias coletivas. As mesmas de seus pais, avós, de sua raça, gênero, etnias e classe social. Quando se perde essa identidade coletiva, racial, social popular dessas trajetórias humanas e escolares perde-se a identidade da EJA, que passa a ser encarada como mera oferta individual de oportunidades pessoais perdidas. (ARROYO 2011, pag. 104).

Diante do cenário apresentado, a Educação de Jovens e Adultos apenas poderá contar com uma reconfiguração quando houver reconhecimento inicialmente das especificidades que correspondem à realidade dos sujeitos, e da compreensão destes como sujeitos de direito, membros da sociedade, e protagonistas de sua própria história.

Dentre outras problemáticas apresentadas pela EJA, Moll (2011) aponta o processo de identificação do analfabetismo, que muitas vezes é omitido pelos sujeitos, e mascarado com atitudes como “Esqueci meus óculos” “Não compreendo esta letra” entre outras, que ainda destaca os desafios encontrados no retorno ao ambiente escolar, marcado por características de estranhamento por parte dos educandos às novas técnicas de ensino apresentadas.

Será preciso redesenhar a configuração imaginária da escola que vive na memória de cada um e de cada uma: em geral, a escola do silêncio, da palmatória, dos grãos de milho, do rosto virado para a parede, do um atrás do outro, do absolutismo do professor. Essa escola que, muitas vezes, os retirou da cena escolar é – contraditoriamente – a escola esperada (MOLL 2011, pag. 11).

Essa reconstrução no processo de aprendizagem parte das teorias expostas por Freire (1996) e já apresentadas neste capítulo, onde o educador tem o papel de mediar a aprendizagem partindo do ato de conhecer a realidade dos alunos e a partir desta, reconfigurar sua prática docente.

O educador de Jovens e Adultos deve atuar ciente de que a formação ali exercida vai além de um processo de alfabetização, deve estar pronto para motivar os educandos a buscar construir-se integralmente.

A Educação de Jovens e Adultos se configura desde seus primeiros registros com caráter de luta de classes em busca pelo direito. As múltiplas realidades presentes entre os sujeitos desta modalidade, retratam essa trajetória de enfrentamento dos desafios apresentados a cada época de sua existência. O trabalho coletivo realizado nas turmas de EJA, reafirmam a proposta de uma educação que atenda todas as dimensões humanas.

As situações de exclusão e fracasso escolar presentes na trajetória dos sujeitos da EJA chegam a reforçar o sentimento de baixa autoestima. Seria o ambiente escolar causador deste sentimento? Quando recorrem à modalidade, estes sujeitos retomam às memórias que os fizeram afastar-se da escola, e acreditam que as experiências negativas serão repetidas. Desse modo, o educador da EJA é responsável por desconstruir essa visão, tendo por finalidade propor atividades que estejam adequadas às especificidades apresentadas pelos alunos.

Por esse motivo, vê-se a importância de trabalhar o estado emocional dos educandos da EJA, construir um ambiente dialógico e propício ao bem-estar para que haja um equilíbrio entre as propostas pedagógicas alfabetizadoras e as relações humanas podem corresponder uma nova forma de enxergar a educação por parte dos alunos, e garantir um desenvolvimento integral e de construção coletiva.

2.3 Formação Humana Integral

O objetivo deste capítulo é trazer a compreensão da formação humana e sua contribuição para o processo educativo, que ao apontar o ser humano como multidimensional, induz a necessidade de formá-lo em sua totalidade, em sua integralidade. Ao reconhecer a multidimensionalidade humana, cabe identificar que o processo educativo deve ocorrer de forma a desenvolver habilidades, pois entende-se que não apenas a dimensão cognitiva deve ser desenvolvida no ambiente escolar, mas também o exercício de viver integralmente em uma sociedade.

A formação humana pode ser compreendida como uma forma de desenvolvimento pessoal. De acordo com Policarpo Júnior e Greenberg (2008), a educação para a formação humana consiste além de uma conceituação, a aplicação de uma prática pedagógica que colabore para o desenvolvimento humano de maneira integral, partindo da relação existente entre os sentimentos/emoções e o pensamento/comportamento, exigindo um entendimento geral e detalhado sobre tal relação.

Nesse sentido, os autores descrevem o professor como um mediador de cultura, capaz de cumprir a tarefa formativa como algo intrínseco às práticas e saberes, estando em equilíbrio com Freire (1996), os autores consideram função do educador comprometer-se com o processo educativo, além disso entender, compreender e apresentar a articulação entre todas as dimensões humanas, nomeadas em comportamental, emocional/afetiva, intelectual/reflexiva e espiritual.

Para transmitir o gosto pelo conhecimento, um professor precisa além de dominar os conteúdos de sua disciplina, saber acolher as turmas, identificando e trabalhando interesses e sentimentos (CASASSUS, 2008).

Arantes (2012) discorre sobre o sentido da vida, e apresenta a formação humana não apenas como complemento do desenvolvimento humano, mas como método eficaz na humanização do ser, concordando com a importância da dimensão espiritual para esta construção.

O homem não se torna completo só porque passou a ser inserido no modelo econômico vigente. Entendemos que educar de forma humanizada é, antes de tudo, aceitar o desafio de enxergar e tratar o ser

humano em toda sua complexidade, superando a lógica da relação sujeito-objeto e abarcando a ética desta educação a partir de uma visão maior, de que o homem também tem uma dimensão espiritual. (ARANTES 2012, pag. 3).

Arantes (2012) explica que o termo espiritualidade não está ligada ao aspecto religioso, considera que o desenvolvimento desta dimensão colabora intimamente para o processo de formar-se integralmente.

A realidade educacional dos seres humanos constrói-se baseada em linhas de pensamentos estabelecidos pela época. Desde os registros dos modelos educacionais na Grécia antiga, é possível traçar um caminho de busca pelo sentido da educação. Pode-se exemplificar tal busca com a defesa da tradição expressa nos poemas Homéricos, o embate entre verdade absoluta e relativa entre socráticos e sofistas bem como os atuais métodos educacionais presentes nas instituições que voltam sua metodologia a autores como Freire, Montessori, Piaget, entre outros. Tais questionamentos são abordados por Röhr (2013) que difunde uma reflexão acerca da necessidade de pensar em metas para a educação do homem, algo que lhe anuncie o sentido da vida, seja ela a partir da mediação de algo já descoberto, no sentido de tornar válido este sentido encontrado, ou de maneira construída através de sua autonomia, no que o próprio ser humano identifica como seus ideais.

Pergunta-se se não existe uma possibilidade de compreender o sentido da vida humana, representando na sua realização a meta da educação, como algo posto, algo a ser encontrado e reconhecido na sua validade e, ao mesmo tempo, como algo que não tolhe a liberdade humana, a autonomia na tarefa de realizar-se (Röhr 2013, pag. 19).

Röhr (2013) retrata o ser humano como multidimensional, e atende a especificamente à dimensão espiritual deste. Para este trabalho, pretende-se expressar a ideia de uma educação que busque o sentido integral da vida, sendo então o equilíbrio entre a citada dimensão espiritual e as demais dimensões existentes no ser humano, são elas, material, sensorial, emocional e mental. Na visão do autor, estas cinco dimensões básicas são indispensáveis aos seres humanos, onde dificilmente se estabelece limites entre elas, sendo então necessária uma harmonia entre todas, uma interdependência das dimensões que segundo o destaque do autor, se faz necessária pelo fato de não ser possível interferir em uma dimensão sem envolver as demais.

As dimensões humanas consideradas básicas por Röhr (2013) são classificadas como densas e sutis de acordo com a uma escala, onde as mais densas partem de algo mais físico, como matéria e corpo biológico, considerando a mais sutil, a dimensão espiritual, sendo esta caracterizada por valores éticos e metafísicos. Para melhor contextualizar essa escala, o autor difunde os conceitos de hominização e humanização, sendo o primeiro o processo biológico ou natural que ocorre com o ser humano, bem como consideramos desde o nascimento até a vida adulta. Já o segundo conceito consiste no ato de aperfeiçoar a dimensão mais sutil, a dimensão espiritual. Desse modo, a leitura nos leva a compreender que reconhecer a importância de cada uma das dimensões básicas colabora na construção da integralidade humana.

Retomando a temática da formação humana como busca de sentido para a vida, encontra-se na dimensão espiritual uma dualidade de pensamentos diante desta busca. Nesse aspecto, o autor em comento nos leva a refletir sobre um sentido mais profundo da vida, tendo em vista que não existe igualdade entre os seres humanos, sendo assim, não há garantia de que este sentido seja facilmente encontrado. Surge então dúvidas fundamentadas por dois questionamentos, são estes: porque nem todas as pessoas buscam um sentido à vida? E, Como se pode aferir ter encontrado este sentido, ou ao menos estar se encaminhando para tal?

Diante dessas inquietudes, considero que quando o ser humano encontra-se com suas dimensões mais densas em equilíbrio, pode de maneira mais clara entrar em sintonia consigo mesmo, identificando seus ideais e buscando constantemente algo que mantenha o seu estado de equilíbrio, trazendo assim uma luz a seus objetivos e facilitando essa busca. O autor posiciona-se de forma semelhante, porém indica a dificuldade existente nessa busca, pois considera que não há como comprovar que optando por um dos objetivos, outro ou outras possibilidades não trarão possibilidades de viver integralmente.

Tais observações recordam a temática abordada no capítulo anterior, onde ao conceituar a emoção, Gonsalves (2015) menciona um suposto antagonismo entre razão e emoção, considerando ser a primeira mais certa e garantida de acerto, enquanto a segunda passiva ao erro, ou engano. Nesse aspecto, Röhr (2013) garante que também a razão não possui garantia de acerto, tratando-se então da

busca por um sentido profundo de vida, isso apenas justifica ainda mais a dificuldade de encontrá-lo.

Pessoas mais dotadas, em termo de capacidades racionais, não são necessariamente aquelas que se sentem mais seguras diante da questão do sentido da vida. Por outro lado, também não é possível afirmar que o fato de haver encontrado um sentido para sua vida é um indicador de insuficiência de capacidades racionais. Encontrar e seguir o sentido da vida é uma questão relativamente independente do nível de racionalidade que uma pessoa é capaz de desenvolver (Röhr 2013, pag. 42).

Partindo para o campo da educação, é válido refletir tais compreensões à luz da pedagogia e de uma contribuição da filosofia, para verificar a possibilidade de uma educação para a formação humana. Primeiramente, Röhr (2013) elenca três elementos indispensáveis a este estudo, sendo estes o educador, o educando e a tarefa. Ao caracterizar o educador, o autor registra seu papel na prática educativa, trazendo-o acima até seus interesses, deixando claro que este necessita compreender, acima de tudo, qual é a intenção de educar. Nesse sentido, recorda a temática da dupla compreensão do ser humano, os processos de hominização e humanização, identificando que educar é tornar o homem, homem, no que diz respeito a aproximação dele com seus ideais. Tratando-se do educando, o autor acredita que deve ele ser reconhecido como principal beneficiado pela prática educativa como ser único e insubstituível, e voltando a temática com a qual se deu início este capítulo, expõe o autor que a meta da educação deve ser concentrada nele, caso contrário não obedece ao processo educativo.

Mencionando as características da tarefa educacional, o autor continua a refletir sobre a meta da educação para o processo de humanização, sendo assim, ele interliga o educador ao educando, mencionando que além da construção dos aspectos intelectuais, a prática educativa existente entre eles deve ocorrer de maneira integral, ou seja, que possibilitem o aperfeiçoamento das demais dimensões consideradas básicas.

Percebemos a interdependência dos três elementos fundamentais da Educação. Educação, nesse sentido, não existe sem o educador que assume a responsabilidade que cabe a ele na humanização do educando, cumprindo as tarefas educacionais que essa humanização envolve (RÖHR 2013, pag. 157).

Os pensamentos citados diante desse processo educacional colaboram para compreensão da formação humana integral, em um posicionamento pessoal; pode-se identificar no tríade apresentado pelo autor, uma construção coletiva que envolve, além de aspectos cognitivos, o modo com que os alunos se envolvem com o mundo, através das relações humanas. Trata-se de uma educação que ensina a pensar em si e no próximo como seres humanos envolvidos em um processo maior, agindo de maneira positiva diante das temáticas sociais.

Policarpo (2017) apresenta uma ideia normativa da Formação Humana, apresentando desafios a essa compreensão. Inicialmente, o fato de pertencermos ao gênero humano, que segundo o autor é motivo de não ser necessário pensar neste processo de formação. Policarpo Júnior também aponta os diversos modos de se promover a Formação Humana, o que em acredita-se ser válido pelo fato de compreender a não existência de um ser humano único.

Pode-se identificar com a leitura do artigo em comento que um dos objetivos para compreender a formação humana caracteriza-se pela busca de realizações, o que entra em acordo com a proposta de Röhr (2013) acerca do sentido da vida.

Um outro aspecto que se equilibra entre os dois autores citados é o da dualidade do gênero humano, onde os aspectos biológicos caracterizam a hominização, e só após o conhecimento de si, o ser humano pode compreender sua relação com o mundo ao seu entorno, processo pelo qual Röhr (2013) nomeia por Humanização.

Sobre tais compreensões Policarpo Júnior (2017) comenta:

Em outras palavras, o ser humano precisa ser capaz de orientar e dirigir a si mesmo antes de poder formar com os outros uma unidade ampla e verdadeira; é claro que tais processos ocorrem muitas vezes simultaneamente, mas é sempre preciso que cada ser humano se adiante primeiramente no governo e orientação de si mesmo, para que esteja em condição de poder estabelecer relações superiores de unidade com os outros (POLICARPO JÚNIOR 2017, Pag. 16).

O autor ainda acrescenta que para que tal percurso aconteça, se faz necessário uma força de atração, a qual ele acredita ser o amor, e a partir dessa força torna-se possível compreender e conhecer a existência das demais dimensões nele existentes. Nesse sentido constrói-se uma ideia de que o ser humano é capaz de formar-se integralmente a partir do caminho percorrido entre o conhecer a si

mesmo e a partir desta reflexão pessoal proporcionar equilíbrio com sua natureza humana, assim ao estabelecer relações com seus semelhantes possibilita significado à busca por seus ideais.

Ao mencionar o amor como “Força de Atração”, Policarpo Júnior (2017) possibilita a reflexão de que a busca pelo equilíbrio emocional torna possível o processo de formar-se humanamente. Entrando em sintonia com Maturana (2005) que como apresentado no capítulo anterior, aponta o amor como emoção pela qual surge a interação e possibilita as relações humanas, bem como Gonsalves, que a nomeia “Emoção Fundante”.

Acredita-se que o profissional da educação necessita de um trabalho em conjunto com seus educandos, trazendo clareza de objetivos e práticas a serem desenvolvidas com a finalidade de formar homens e mulheres em sua integralidade.

Cassassus (2009), reforça que docentes com formação sólida, avaliação sistemática, material didático suficiente, prédios adequados e famílias participativas, são elementos fundamentais para o funcionamento da educação escolar.

3 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa apresenta-se conforme Gonsalves (2011); em relação aos objetivos, a pesquisa é de caráter experimental, tendo por procedimentos uma pesquisa participativa, na qual a fonte de informação atende aos requisitos de uma pesquisa de campo. Segundo Gonsalves (2011), o fato de buscar uma relação entre um estudo teórico e fatos relacionados, condizem com a pesquisa experimental, o que apresenta semelhança com a proposta exposta nos objetivos deste trabalho. Trata-se ainda de uma pesquisa qualitativa, devido às suas características interpretativas e de maior clareza de resultados. Os sujeitos da pesquisa em comento foram jovens e adultos matriculados em uma turma da modalidade EJA, correspondente às primeiras séries do ensino fundamental pertencentes a Escola Municipal Fenelon Câmara, situada no Bairro do Geisel, localizado na região sul da Cidade de João Pessoa. A escola foi escolhida após uma aproximação por parte da pesquisadora, e por uma afinidade com a turma, tendo em vista que as atividades ocorreram em paralelo com um outro componente curricular do curso de Pedagogia, no caso, o estágio supervisionado em ensino fundamental. Além disso, a professora titular da turma demonstrou afeição com a temática e apresentou-se colaboradora e adepta das atividades relacionadas à educação emocional em sua turma de jovens e adultos, que lhes foram apresentadas.

Os instrumentos utilizados para a execução da pesquisa, correspondem à intervenções realizadas pela pesquisadora, como aulas expositivas e atividades que envolvem a proposta de uma Educação Emocional, diante da observação e registros dos possíveis resultados obtidos no prazo estabelecido pelo cronograma (Figura 2). Tais instrumentos foram escolhidos pelo fato de se adequarem a proposta que, como citado acima, ocorreu em paralelo com a pesquisa, a prática de regência definida pelo Estágio Supervisionado. Também vale enfatizar que, ao tratar-se de uma análise de resultados partidos de uma prática educativa, a forma de atividades propostas apresenta maior significado, gerando um ambiente de integração entre professor e aluno.

Para a execução da metodologia proposta, planejou-se o cronograma das atividades seguinte forma:

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	MESES/ 2018						
	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO
Observação e Planejamento das intervenções							
Intervenção em sala de aula e coleta de dados							
Análises e escrita dos Resultados							

Figura 2: Cronograma de atividades

Os três primeiros meses foram destinados a observação e interação com a turma, e também o planejamento da regência, em parceria com a professora titular da turma. Durante três semanas do mês de junho, foram realizadas as atividades de intervenção, sendo duas visitas nas duas primeiras semanas e finalizando com uma visita na terceira semana. O mês de Julho não aparece no cronograma por ocasião do recesso de atividades na escola. Além dos itens citados, os seis meses destinaram-se à construção teórica que fundamenta a pesquisa.

4 VIVÊNCIA EMOCIONAL: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA

Compete a este capítulo relatar, passo a passo, a intervenção realizada conforme descrita na metodologia, além de contextualizar os registros com as principais ideias de cada uma das temáticas que constroem o problema de pesquisa, a fim de identificar possíveis resultados.

Conforme mencionado na elaboração da metodologia da pesquisa, realizou-se uma intervenção em uma turma de Educação de Jovens e Adultos, em parceria com a atividade do componente curricular Estágio Supervisionado III. Nesta Ocasião, o primeiro contato deu-se inicialmente para observação, a fim de conhecer e registrar a presença de atividades ligadas à educação emocional na aula da professora titular da turma.

A intervenção foi realizada na Escola Municipal Fenelon Câmara, localizada no bairro do Geisel, na região sul da cidade de João Pessoa. Responsável pelo ensino fundamental, a mesma funciona nos 3 turnos, com ensino regular durante o dia, e Educação de Jovens e Adultos à noite. Diante do reduzido quadro de professores, a escola conta com uma turma mista, com alunos do ciclo I e II, duas turmas de ciclo III e duas de ciclo IV.

Os primeiros ciclos foram escolhidos propositalmente pela presença de sujeitos cujas realidades passam por processos de privação de direitos, e retorno à sala de aula após um longo tempo. Contou-se com o número de 35 alunos, porém com pouca assiduidade, frequentando apenas um número de 18 a 20. Além da dificuldade de realidades, alunos em diferentes estágios de aprendizagem, onde dois deles possuíam necessidades especiais do tipo deficiência intelectual e síndrome de down. No geral, os alunos apresentaram-se participativos e envolvidos com o aprendizado.

A partir da observação do momento inicial, foi-se destacando aspectos como a atenção da professora com seus alunos, a facilidade ou dificuldade de expressão por parte deles, o interesse e participação em atividades desenvolvidas, sejam elas específicas ou motivacionais.

No período de observação, foi também possível estabelecer uma interação entre a pesquisadora e os alunos. Observou-se a professora responsável por ministrar aulas na turma, sempre dava início apresentando textos e reflexões acerca da realidade atual, nesse sentido, elaborou-se um trabalho em parceria com a profissional, envolvendo além da temática de educação emocional, conteúdos presentes no planejamento anual da escola.

Com o tema “Vivência Emocional” e abordando conteúdos como leitura, escrita e produção, foi pensada uma sequência didática com duração de 5 dias, contendo cada um destes 1 hora e 20 minutos de duração. As atividades desenvolvidas serão apresentadas a seguir, em forma de relato.

No primeiro dia, a atividade proposta foi um debate motivado pela seguinte pergunta: O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO AQUI?, tendo por objetivo o diálogo sobre a trajetória de vida dos alunos, e quais motivos os levavam a continuar buscando a educação. Nesse momento, a sala foi organizada em forma de *meia lua* para facilitar o debate (Figura 3), no qual os alunos mencionaram seus casos, tais como o interesse em aprender a ler para ler a bíblia, para ajudar na educação dos filhos e o fato da busca pela oportunidade que não houve infância em poder estar/frequentar uma sala de aula. Após o debate, apresentou-se a música O QUE É O QUE É, composta por Gonzaguinha, onde o refrão dela foi base para a atividade do dia.



Figura 3: Primeiro dia

Escrita com letras grandes em uma cartolina, a música foi cantada e animada com um instrumento de percussão trazido pela estagiária/pesquisadora, além das palmas dos alunos. Esse momento de animação e alegria foi concluído com a ideia de escrever algumas palavras da música em seu caderno, separando as sílabas corretamente. Algumas das palavras escolhidas foram: Feliz, Cantar, Aprendiz, Repita, Bonita.

Durante a realização do debate neste dia, surgiu a seguinte frase: “Toda caminhada começa no primeiro passo”, motivada pela situação do momento, foi pensada a possibilidade de readaptação do plano de aula, o qual contava com uma outra música, (Trem Bala), pensada inicialmente por estar ligada a atualidade e trazer uma reflexão diante da vida cotidiana. Porém, para cumprir com os ideais de Paulo Freire e adequar a proposta de atividade à realidade dos alunos, realizou-se a troca da segunda música da atividade, a qual foi aplicada no terceiro dia da sequência. Foram propostas também atividades para os alunos especiais, porém, neste dia, estes não se fizeram presentes na aula.

No segundo dia, as atividades começaram com a mesma canção, recordando o refrão trabalhado na aula anterior, continuando um novo debate, o qual foi motivado pela pergunta: O QUE TE FAZ FELIZ? A participação dos alunos neste dia não foi tão satisfatória como no primeiro, mas as respostas como, *Família / Amigos*, foi o suficiente para introduzir o tema relacionado ao sentimento Felicidade, e preparar para a atividade dinâmica e de formação de palavras através de fichas com sílabas. Cada aluno recebeu entre 2 ou 3 sílabas, e foram formadas no quadro 18 palavras, entre elas café, amigo, pé, entre outras. Foi realizada da seguinte forma: um aluno colocava uma sílaba, que podia ser completada com qualquer outra que possibilitasse a formação de uma palavra. Essa dinâmica movimentou a sala e além de trabalhar aspectos como autonomia e autoestima, eles se sentiram protagonistas.

No terceiro dia de atividade, uma nova música foi apresentada, *A Natureza Das Coisas*, interpretada pelo paraibano *Flávio José*. A aula foi iniciada com a participação dos alunos, cantando a música citada. Em seguida, um trecho de cada vez foi exposto no quadro, e a cada um, uma conversa sobre analogias, e trazendo as poesias contidas na música para a realidade de cada dia dos alunos, tanto na questão escolar, como pessoal.

Essa música foi escolhida, após a situação citada no primeiro dia, por esse motivo, a frase mais marcante da música foi: “*Toda Caminhada Começa No Primeiro Passo*”, surgindo dela a discussão de esta caminhada dever continuar, entrando em sintonia com outra frase da música, “*A Lagarta Rasteja Até O Dia Em Que Cria Asas*”, levando os alunos a pensarem que não devem esperar parados, e sim continuar a caminhada da forma que lhes é possível, mediante a realidade de cada um, mas nunca desistindo do seu objetivo. Após a aula expositiva, devido ao tempo, não houve possibilidade da aplicação da atividade, ficando esta para o dia seguinte.

O quarto dia de regência teve início relembrando a música trabalhada e em seguida a atividade na folha proposta para esse dia. O acompanhamento da atividade durou todo o primeiro momento da aula (Figura 4), e após o lanche, foi o momento de falar a respeito das rimas presentes na música. Após esclarecer o conteúdo de rimas, foi proposto aos alunos um jogo de construção de novas rimas que aconteceu da seguinte forma: a turma foi dividida em dois grupos, um deles dizia uma palavra, e o segundo tinha que dizer uma rima para ela.



Figura 4: Atividade referente ao quarto dia

Esta atividade não estava descrita dessa forma no plano, mas a participação dos alunos em atividades anteriores contribuiu para a reformulação da mesma. Surgiram palavras como *café/Sapé*, *amanhã/pagã* entre outras (Figura 5).

registradas em 2 semanas após a intervenção, auxiliam na reflexão da temática apresentada, o que permitiu traçar os caminhos para possíveis respostas.

Destaca-se em primeiro lugar o caráter relacional desta pesquisa; onde a interação proporcionada entre os alunos e a pesquisadora fluiu de maneira positiva o que corrobora com a proposta de Freire quando anuncia como um dos saberes necessários à Prática docente a exigência do amor, do envolvimento. Educar exige um cuidado e afeição pelo aluno, ao buscar conhecer sua realidade e com isso reformular sua metodologia.

Ao tratar da metodologia, esta também necessita de uma dedicação específica do educador, para que os jovens e adultos aprendam não apenas os conteúdos, mas também a ética e o comprometimento que são apresentados a cada detalhe pelo profissional da educação.

Sobre as práticas introduzidas pela pesquisadora, destaca-se o espaço aberto para tratar de sentimentos e motivações as quais levaram os alunos a buscar a escola. Ao promover este ambiente de bem-estar, os jovens e adultos da sala de aula falaram abertamente de suas angústias, abriram-se diante de sentimentos guardados, onde não foi vergonhoso expressar em alguns exemplos, o choro, que foi tratado com respeito pelos demais alunos. Esse respeito pode ser simbolizado pelo amor, o qual de acordo com Maturana (2005) é o primeiro passo para a interação, a emoção fundante, o segundo, conforme Gonsalves (2015).

Compete também às atividades realizadas, a reflexão sobre a parceria didática existente entre o diálogo voltado a temática da educação emocional e a construção pedagógica dos alunos que com tal proposta, de maneira divertida, formaram palavras no quadro. A habilidade denominada autoestima foi detectada no momento em que o aluno se coloca na posição de protagonista e cumpre com uma atividade corretamente. A autoestima é também promotora de bem-estar, termo usado pela por Gonsalves (2015), quando define a importância do trabalho com a educação emocional.

Uma emoção fortemente observada na turma, foi a frustração. Alguns alunos lamentam a pouca compreensão do mundo letrado e acabam por apenas lamentar essa falta. As atividades inspiradas na prática, denominada por Gonsalves (2015) por Vivência Emocional Libertadora, garantem reconhecer essa emoção e partindo

dela, buscar um amadurecimento, a fim de identificar os passos para mudar a visão de mundo, e entender que a possibilidade de solucionar tais problemáticas partem de uma única iniciativa.

Ao final das atividades desenvolvidas foi possível identificar que uma nova palavra surge no dicionário da turma, trata-se da palavra “ainda”. Definida como palavra inicial das frases com caráter de frustração, o ainda possibilita ao educando a compreensão de que não acabou a busca. O conhecimento acontece no momento que ao identificar os obstáculos, o ser humano desenvolve habilidades para continuar o caminho, no caso, a construção.

Trazer o conteúdo de educação emocional às salas de aula da EJA, possibilita experiências de trabalhar também outras temáticas; em um dos diálogos identificou-se o preconceito, quando relatado por alguns alunos situações em que pelo fato de estarem ainda em processo de alfabetização, receberam mensagens negativas em ambientes públicos. Essa situação foi tratada com a reflexão de visão mundo e aludindo-se às ideias de Freire (1989), quando reconhece que a leitura de mundo vem antes da leitura da palavra. Além disso, registrou-se a falta de empatia por parte da figura que teve a atitude descrita no relato.

Dentre outros momentos vivenciados na intervenção, é válido citar o envolvimento dos alunos com as propostas apresentadas, visto que quando as músicas foram apresentadas, foi possível observar a alegria da turma devido à aproximação com sua realidade. Sendo escolhidas de maneira que houvesse sintonia, como o fato da época de sucesso da primeira, (O que é o que é - Gonzaguinha), como também a referência nordestina da segunda (A natureza das coisas - Flávio José), dessa forma, todos colaboraram com histórias e relatos voltados aos temas apresentados por elas.

Destaca-se novamente a visão freiriana do comprometimento do professor com a prática educativa, devido ao alinhamento dos recursos didáticos mais próximos da realidade dos alunos e da dinâmica escolar que ganha significado e envolvimento por parte dos educandos.

Ainda sobre os estudos difundidos por Freire (1996), compreende-se o educador também como um ser humano, que para desenvolver sua prática,

necessita fidelidade a si mesmo e aos seus alunos, sabendo ouvir e lidar com cada especificidade, formulando um ambiente interativo de construção e respeito mútuo.

Os jovens e adultos que ao reconhecerem-se inicialmente seres humanos multidimensionais, cidadãos de direito e deveres, compreendem que a busca por um equilíbrio constante é o que garante uma construção integral. Os valores humanos identificados em cada um, é agente motivador para a vida em sociedade, garantindo cada aprendizado gerado na escola. A integralidade deve ser compreendida no sentido de que a escola é um ambiente de construção social, e cada conhecimento adquirido possibilita uma reflexão de como agir no mundo.

Trazendo a esta reflexão, a contribuição exposta no capítulo anterior, onde o Röhr (2013) apresenta a dimensão espiritual como auxílio na busca pelo equilíbrio das demais dimensões, cabe ao educador proporcionar exercícios de reflexão social em sua prática pedagógica, a fim de possibilitar que a multidimensionalidade humana esteja totalmente presente no trabalho pedagógico. Cabe lembrar que a dimensão espiritual não está ligada à religião, e sim às concepções éticas que auxiliam na humanização, na formação humana, no já mencionado equilíbrio dimensional.

Diante das reflexões obtidas nesta pesquisa, destaca-se que quando as atividades de construção cognitiva têm como ponto de partida uma vivência pessoal, as aprendizagens desenvolvidas podem formar um ser humano que não será capaz apenas de codificar ou decodificar o código alfabético, mas que vivendo em sociedade, sabe seu lugar no mundo e o quanto suas atitudes podem ser significativas quando desenvolvidas em equilíbrio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dimensão emocional é parte da constituição humana e faz-se necessário reconhecer um trabalho integral no âmbito educativo, onde cognitivo e emocional caminham juntos, objetivando uma busca de equilíbrio multidimensional humana. A modalidade de Educação de Jovens e Adultos traz para sua realidade sujeitos de direito, mas que por alguns motivos não o reconhecem assim. Dessa forma, o trabalho do educador deve compreender além da construção do processo de alfabetização, uma dinâmica eficaz que prepara o ser humano para a vida em sociedade, reconhecendo suas emoções e partindo delas para desenvolver atitudes necessárias a cada situação.

Sendo a formação humana, um processo de humanização, ou seja, de tornar o homem, homem, cabe compreender que a busca pela integralidade é diária, e que a dimensão espiritual apresenta-se como caráter motivador para esse processo, pois acredita-se que esta se deriva da visão de mundo voltada à ética e a centralidade do ser humano.

Estudar o universo da Educação Emocional exige do educador conhecer a realidade de seus alunos para que a partir delas, possa desenvolver atividades que os tragam significado.

A compreensão inicial necessária no ambiente educacional é a de que seus membros titulam-se seres humanos e dessa forma, vale identificar a necessidade de características como interação e emoção. Assim sabido, a atividade pedagógica deve contar com um trabalho que envolvam tais características, inclusive recursos didáticos que se aproximam da realidade dos alunos. Além disso, o educador pode proporcionar diálogos em sala para que todos estejam cientes do estado emocional dos demais alunos, gerando assim um ambiente de empatia e reflexão.

A Educação de Jovens e Adultos compreende sujeitos com diversas realidades. O educador que se compromete com a atuação nesta modalidade deve empenhar-se na reinvenção de práticas educativas voltadas às habilidades necessárias para todas as atividades humanas. Por este motivo, a boa relação entre professores e alunos são válidas para a compreensão de realidade e visão de mundo construída a partir desta interação.

Trabalhar a educação emocional em todos os níveis e modalidades de ensino representa compromisso com a formação dos educandos, pois o ambiente educativo é composto por seres humanos com diferentes visões, realidades e emoções, e esta pluralidade exige ferramentas de trabalho que lidam de forma individual e coletiva e ao tratar de coletividade, o respeito e a empatia se fazem necessários para um ambiente estável e harmonioso, visando uma construção multidimensional.

Pesquisar a rotina vivenciada em sala de aula da Educação De Jovens e Adultos proporcionou a afeição com a modalidade, o entendimento de que cada realidade vivida por um adulto presente em uma sala de aula garante novos horizontes na busca pelo processo de alfabetização.

Concluiu-se que os métodos utilizados nas intervenções possibilitaram também uma interação entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa, pois as atividades deixaram memórias afetivas e fizeram crescer a afeição pela proposta pedagógica voltada a esta modalidade.

Como resultados, observou-se que é necessário bem pouco para uma educação voltada à integralidade, visto que detalhes como ouvir os alunos, possibilitar que tragam suas vivências para serem compartilhadas no ambiente escolar com reflexão com enfoque nos sentimentos de bem-estar são de importância eficaz na contextualização da aprendizagem integral.

Desde as primeiras observações no campo de estágio até o final das intervenções realizadas, registrou-se uma maior motivação por parte dos alunos quando tratou-se de questões aproximadas de suas realidades e estado emocional. Portanto, ciente de que o tempo de convivência com a turma do ciclo I e II da EJA não permitiram o registro de resultados tão significativos, os alunos participantes da pesquisa, apresentaram maior interação entre si, participação e interesse nas atividades e compreensão de significado gerado a partir destas.

O campo de estudo da educação emocional e da integralidade humana abordada no âmbito educacional não se limita às pesquisas de modalidades específicas, pois trata-se de um tema que abre diversos leques de pesquisa, sejam de caráter de prevenção, atenção e/ou cuidado com o ser humano.

Conclui-se também que a atenção voltada à temática aludida precisa ser compreendida de forma geral, onde não é do interesse dos profissionais da

educação adentrar no campo de trabalho da saúde mental e demais áreas de conhecimento, porém o educador que estabelece o primeiro contato com os alunos, e para identificar a necessidade de uma educação emocional, cabe um estudo voltado a este universo e sua relação com o processo de humanização que compreende à formação humana.

Conclui-se que estabelecendo técnicas satisfatórias em sua metodologia, o professor garante a capacidade de cumprir sua tarefa sem apresentar autoritarismo, gerando assim uma parceria agradável a seus alunos, pois entende-se que uma maior aproximação e entrosamento entre educadores e educandos facilita a significação da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Mariana Marques. **Reflexões Sobre Integralidade E Educação Emocional No Ensino Brasileiro** – in: A Condição Humana: olhares da espiritualidade, educação, saúde e tecnologia. Instituto de Formação Humana 2012.
- ARROYO, Miguel González. **Educador em Diálogo Com Nosso Tempo**. Belo Horizonte, MG. Editora Autêntica, 2011.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em 02/12/2018.
- BRASIL. **Cadernos EJA 1: Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos – Alunos e Alunas a EJA**. Brasília: MEC/SECAD, 2006.
- Casassus, Juan. **La gestión: en busca del sujeto** – in: Seminario Internacional Reformas de la Gestión de los Sistemas Educativos en la Década de los Noventa, UNESCO, Santiago de Chile, 1999. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001176/117612so.pdf>. Acesso em 10/12/2018.
- CASASSUS, Juan. **O clima emocional é essencial para haver aprendizagem**. Nova Escola, São Paulo, n. 218, dez. 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/878/juan-casassuso-clima-emocional-e-essencial-para-haver-aprendizagem>. Acesso em: 12 out. 2018.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: Em três artigos que se completam**. 23ª edição. São Paulo, SP. Cortez, 1989
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25ª edição. São Paulo, SP. Paz e Terra, 1996.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. 5ª edição. Campinas, SP. Alínea, 2011.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação Emocional: Uma introdução**. Cartilha elaborada no ano de 2015, incorporada ao material entregue aos participantes do I Seminário Internacional de Educação Emocional, realizado no mês de Junho do ano citado.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e Emoções**. Campinas, SP. Editora Alínea, 2015
- GREENBERG, Mark t. / POLICARPO JÚNIOR, José. **Formação Humana E Desenvolvimento Emocional Na Educação: O Currículo Paths** Anais do IV

Colóquio Franco Brasileiro de Filosofia da Educação, UERJ, 20 a 22 de agosto de 2008

MATURANA R. Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. 4º Reimpressão. Tradução José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

MOLL, Jaqueline. **Educação de Jovens e Adultos**. 4º Edição. Porto Alegre, RS. Editora Mediação, 2011

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação De Adultos**. São Paulo, SP. Edições Loyola, 1987.

POLICARPO JÚNIOR, José. **O Ser Humano: Da Compreensão Aproximada De Sua Natureza À Ideia De Sua Formação** Universidade Federal de Pernambuco e Instituto de Formação Humana 2017.

POSSEBON, Elisa Gonsalves. **O Universo das Emoções: Uma introdução**. vol.1. João Pessoa, PB. Editora Libellus, 2017

RÊGO, Cláudia Carla de Azevedo Brunelli and ROCHA, Nívea Maria Fraga. **Avaliando a Educação Emocional: Subsídio para um repensar de sala de aula**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 17, n. 62, p. 135-152, jan./mar, 2009

RÖHR, Ferdinand. **Educação e Espiritualidade**: Contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas, SP. Mercado das Letras, 2013.

SERGIO, Haddad and DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação. n.14, p.108-130, mai/jun/ago, 2000.